



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Paulo Castilho: Fora de Horas (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"Paulo Castilho: Fora de Horas (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 231.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Falemos então de *fronteiras*. De espelhos. E de enganos. Falemos da ficção e dos seus tropismos. Do quotidiano e de suas alienações. Da escrita como meio de «avançarmos no informulável» (Mourão, 1996, p. 367).

A PLURIVOCIDADE DA FICÇÃO

O conceito de *fronteira* não se esgota na leitura das instâncias titulares e da tópica da deslocação. O trabalho da ficção põe em evidência um regime enunciativo plural, assente também no princípio da transferência e da dispersão.

Privilegiando sempre a primeira pessoa narrativa, a postura discursiva destes textos reveste a imediatez da expressão coloquial e directa, regra geral em frase curta, incisiva e nominal. De qualquer forma, e mesmo quando parece ouvir-se apenas uma, pratica-se em todos o desdobramento das vozes (e, por arrastamento, dos pontos de vista e das distâncias focais), ora no plano temporal — como acontece em *O Outro Lado do Espelho*, onde Pedro, o narrador homodiegético, entrelaça constantemente passado e presente, encarnando-os em duas figuras femininas, Joana e Ana —, ora no plano enunciativo — quando alternam, em capítulos distintos, personagens que centralizam a acção e o relato, Luís e Maria José em *Fora de Horas*, Teresa, Fernando, Patrícia e Alberto em *Sinais Exteriores*, Maria, Jorge e Sofia em *Parte Incerta* —, ora ainda no da própria escrita — quando no discurso de Filipe, narrador de *Por Outras Palavras*, se instalam outros discursos, entre os quais o da «ficção» do escritor Falcão e o da «crónica» de Violeta. Este princípio da concorrência narrativa, que os diversos planos discursivos e múltiplas instâncias narrativas encenam, absorvendo embora a ideia da riqueza e diversidade dos olhares e das interpretações (que completam ou corrigem os factos vivenciados), instala um falso diálogo: apesar da ausência de narrador centralizador de uma visão do mundo e do polifacetado das perspectivas narrativas e enunciativas, o modo é *monológico*. As vozes não falam entre si, não se cruzam, antes se desencontram. E a matéria romanesca não é espessa e complexa, mas evanescente, fluida. A sucessão destes monólogos narrativizados (Cohn, 1982, p. 122), a insistência destas vozes interiores como ilhas desertificadas, destes ecos que não respondem em ressonância alguma, figuram apenas territórios de ruptura, espaços de vazio e de incomunicabilidade, refúgios sem repouso.

O que aqui ouvimos então é a radical distância que vai de uns aos outros — a das palavras que não dizem ou dizem mal, a das opções e modos de existir —, quase sempre vivida no plano geracional.

Em situações ficcionais que encenam formas várias de conflitualidade — afectiva, social, política —, plasmando no discurso claros sinais de solidão e abandono de figuras que passam os dias entre frenesim e «torpor sonâmbulo» (*Sinais*

PAULO CASTILHO
**FORA
DE HORAS**



C O N T E X T O